

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 67 — Domingo, 19 de Setembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO

As oficinas gráficas preferidas pelas principais firmas do País

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

BALANÇO TRÁGICO

FERIU profundamente a sensibilidade de todos os portugueses o trágico desastre ferroviário, ocorrido, na passada segunda-feira, com o «semi-rápido» do Algarve. Numerosíssimas famílias desta província viveram horas de extrema angústia, e muitas outras, infelizmente, viram essa angústia transformar-se no desespero de uma irreversível perda de vidas, que as lançou no luto e na dor.

As largas reportagens da imprensa diária não conseguem dar uma ideia exacta da extensão da catástrofe, e para quem, mesmo muitas horas depois do momento infernal, pôde contemplar, nesse ermo da Serra pitoresca e bárbara, o lúgubre espectáculo, as descrições dos jornais não passam de descolorido relato.

Ainda não está completamente feito o balanço do desastre — mas, em cada dia que passa, mais se agravam as suas trágicas consequências. E à pergunta que todos fazem, a esse porquê? angustioso, é cedo para responder. O sr. ministro das Comunicações ordenou o inquérito.

Enquanto esse inquérito não esclarecer o País sobre as causas do desastre, todas as hipóteses que se formularem, todas as deduções que se fizerem, todas as possíveis circunstâncias que se possam sugerir, pecam por extemporâneas. Há que aguardar, serenamente, que as entidades oficiais e os técnicos se pronunciem.

Isso, porém, não obsta a que se possa agora recordar tudo quanto a imprensa, principalmente a imprensa algarvia, tem dito e redito sobre a pelintrace — passe o termo — a que estão votadas as comunicações ferroviárias com o sul, com este Algarve... da moirama. Vias em mau estado, carruagens velhas e cansadas de um sofrer que já tinha barbas aí por alturas de 1918 — originando a natural preferência dos passageiros pelo «rápido», que é tão rápido que leva 8 horas para percorrer pouco mais de 300 quilómetros. (E ainda há quem fale em excesso de velocidade!...)

E dessa preferência resultam as lotações largamente excedidas, tão conhecidas de todos, habituados a vir de Lisboa até Beja confortavelmente instalados de pé, no corredor, ou, no sentido inverso, a barricarmo-nos dentro dos compartimentos, para evitar os assaltos cuja gravidade

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

O PROBLEMA DAS PADARIAS

SERÁ POSSÍVEL AUMENTAR O LUCRO DO INDUSTRIAL DE PADARIA E MELHORAR A QUALIDADE DO PÃO, SEM AUMENTAR O SEU PREÇO?

O SISTEMA político e económico do Corporativismo que nos rege, distingue-se do liberalismo por entregar os meios da produção — o capital, o trabalho e a terra — como

este sistema também fazia, aos cidadãos, mas, ao contrário dele, subordinando tal entrega aos superiores interesses da Nação, e instituindo para isso a Organização Corporativa.

Os Grémios dos Industriais de Panificação, como legítimos representantes das padarias, também têm defendido os interesses do consumidor, fiscalizando a qualidade do pão fabricado.

«Porém, reconhecem esses Grémios que o comércio do pão está a revestir um carácter anárquico, a que urge pôr termo. Impõem-se, e muito bem, as mais severas regras de higiene no fabrico, não se permitindo mesmo, e com plena justificação, que nas padarias se possa comercializar tudo quanto vá além do pão e produtos afins, estes em escala restrita. Entretanto, têm-se vindo a consentir, tácitamente, que o pão possa ser vendido na mais repugnante promiscuidade com os produtos mais diversos e incompatíveis com a higiene e o

SUBSÍDIOS

às Corporações de Bombeiros

DO ALGARVE

PARA despesas de manutenção e compra e beneficiação de material, foram concedidos, pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio, os seguintes subsídios às Corporações de Bombeiros do Algarve: S. Brás de Alportel, 7.500\$00; Faro, 30.000\$00; e Câmara da mesma cidade, 40.000\$00; Lagos, 20.000\$00; Loulé, 20.000\$00; Monchique, 10.000\$00; Olhão, 20.000\$00; Portimão, 15.000\$00; Tavira, 30.000\$00, e Vila Real de Santo António, 50.000\$00.



Mercado do Peixe — em Vila Real de Santo António

Excrescência ofensiva da estética pombalina, a que poderemos chamar, parafraseando o sr. Nehru das Índias (e com a propriedade que faltou àquele faquir da política internacional), «uma feia verruga da linda face da nossa terra».

A DOCA DE PESCA

UMA IMPERIOSA NECESSIDADE

DO NOSSO PORTO

DIZ, um velho prolóquio, maravilhas da persistência da «água mole, em pedra dura...». Se bem que os ditados e anexins representem, sinteticamente, migalhas da sabedoria secular dos povos, parece-nos que nem sempre obtêm foros de realidade a conclusão do provérbio

citado, talvez porque exista um nexo de relatividade — cujo módulo nos escapa — entre os diversos graus da natureza lapidar, solicitada a abrir-se, e a fluidez maior ou menor da linfa que a percute. E' disto exemplo a formação das estalactites. Também é verdade que a Escritura diz: «Batei, e

abrir-se-vos-á!», mas parece que estas afirmações valem só para o domínio espiritual, porque nestas coisas terrenas, quando muito já se tem batido e as portas não se abrem, uns desencorajam; outros, desiludidos, desistem e há também os que... se petrificam, quando se não putrefazem...

Tal verificação desanimadora, transposta da ordem física experimental para a arena dos factos correntes, seria susceptível de transformar-se em conceito normativo e aconselhar-nos um decoroso conformismo, remetendo-nos ao prudente silêncio de Conrado, no que toca aos problemas bási-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

General Leonel Vieira

FOI agraciado, com a medalha de Mérito Militar de 1.ª Classe, o nosso ilustre comprovinciano e prezado assinante, sr. general Leonel Neto de Lima Vieira, governador militar de Lisboa, a quem, por tal motivo, endereçamos cumprimentos de felicitações.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA

DO ALGARVE

Quem nos compra as conservas Por nos parecerem muito curiosos os números referentes às nossas exportações de conservas de peixe, no ano passado, vamos transcrever alguns desses números, mas apenas aqueles que se referem aos países principais importadores.

Atum em azeite Itália, 677.947 quilos, no valor de 16.722 contos; Venezuela, 92.710 quilos, no valor de 2.526 contos e Suí-

ça, 75.177 quilos, no valor de 1.878 contos. Similares de atum — Bélgica-Luxemburgo, 80.980 quilos, no valor de 2.081 contos; Cuba, 46.628 quilos, no valor de 1.170 contos. Atum em Sal

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

ATRAVÉS DO PRESENTE

TRÊS GRAVURAS

Por MARCOS ALGARVE

UM livro, aparecido recentemente sobre o lirismo de Bernardo de Passos, contém uma evocação de Platão e da sua filosofia como influência directa sobre o ilustre poeta algarvio.

Eu tenho, porém, outra maneira de encarar o lirismo do malogrado vate de S. Brás.

O seu lirismo emanou da sua extrema bondade e do seu temperamento infinitamente calmo e cristão. A sua filosofia, duma simplicidade emotiva, é toda ela filha do cristianismo que embalou o senso estético do

Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Apontamento

Agora, escute, minha filha, ou falar-lhe como médico e apenas como médico. Para quê esconder? A verdade é a melhor defesa; é ou não? Os meus doentes têm confiança em mim, porque lhes digo sempre a verdade. Posto isto, posso dizer-lhe: a sua saúde não está nada boa. Tem aqui umas infiltrações de carácter nitidamente perigoso. Em ambos os pulmões, sim. Mais levemente, no esquerdo. No esquerdo, é mesmo quase imperceptível. Mas no outro, nota-se já uma séria devastação. E' caso para ficar alarmada? Sim, até certo ponto. E' para desesperar? Não, de maneira nenhuma. Absolutamente curável, posso garantir. Se seguir à risca as minhas instruções, claro. Pedir-lhe-ei alguns sacrifícios, durante estes dois anos. Nada de bailes, pouco de cinemas, passeios sem fadiga... Máximo repouso. E, claro está, abandonar a máquina de costura. Ah, não tenha dúvida, só com essa condição: a-ban-do-nar a máquina de costura. Esse é o primeiro passo, in-dis-pen-sá-vel. Compreende, Ascensão? Mas, porque é que está a chorar, Ascensão? Levante a cabeça, pare com os soluços, ouviu? Só se prejudica, Ascensão. Bom, que diabo, arranjará outro emprego. E' preciso coragem, Ascensão. Coragem para conquistar a saúde. Coragem, hem?!

Não é mesmo?

Quando me falam na possibilidade de uma nova guerra, não penso se os homens serão tão loucos que a apeguem. Penso, antes, se os homens serão tão loucos que a permitam.

Acredita

Vá, levanta os olhos e, en-sopados de terra, atira-os para a vida à tua frente. Acredita, as rosas escolhem, para florir, os olhos dos que não desistem.

Um dos doutores

Santo Agostinho disse: «Não há nada mais forte do que a docura.» Certamente porque a violência se sente ridícula diante de uns olhos claros e doces.

A quadra humilde e palradora...

Ainda há-de nascer um sábio que diga por que razão, se os homens todos têm boca, comem uns e outros não...

A propósito

Uma dúzia de pêssegos, na caixa forrada de palhinhas suaves, a quatro escudos cada um. — O' senhor António, mas você aqui no balcão não consegue vender isto. — Pois não, mas enquanto estão, fazem vista.



I TORNEIO INTERNACIONAL DE TÊNIS

E V TORNEIO OFICIAL

organizados pelo Clube de Ténis DA PRAIA DA ROCHA

ORGANIZADO pelo Clube de Ténis da Praia da Rocha, teve lugar, nos dias 14 e 15 deste mês, o I Torneio Internacional de Ténis daquela Praia, que decorreu com muito interesse.

Na passada 6.ª feira, dia 17, tiveram início as primeiras eliminatórias do 5.º Torneio Oficial «Praia da Rocha», as quais se prolongaram até hoje, domingo, em que se disputarão as finais. Esta noite, no Casino da

Praia da Rocha, pelas 23 horas, proceder-se-á à distribuição dos prémios.

No nosso próximo número, referir-nos-emos pormenorizadamente a estas competições — as únicas que, nesta modalidade desportiva, se realizam no Algarve — dando os resultados das provas, que têm sido presenciadas por uma assistência numerosíssima.

Entretanto, cumprimentamos a Direcção do Clube

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



— A melhor altura da fita foi quando a arrumadora deu uma bofetada ao papá...

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Depois de permanecer alguns dias nesta vila, com sua esposa, em gozo de licença, já retirou para Lisboa o nosso prezado assinante e amigo, sr. Armando Teixeira de Sá, funcionário da secretaria da Assembleia Nacional.

Ao encontro de sua filha, que regressa da Índia Portuguesa, seguiu para Lisboa, acompanhado de sua família, o nosso prezado assinante, sr. José Maria Aguilera dos Santos.

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante em Faro, sr. Manuel José Moraes Rodrigues.

Das Caldas de Monchique, onde passou uma temporada com sua família, já regressou a esta vila o nosso prezado assinante, sr. Norberto Bento Domingues.

Com seu esposo, regressou a sua casa na Capital, a nossa prezada assinante, sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros Madeira.

Também regressou, com sua filha, a sua casa de Lisboa, o nosso estimado amigo e assinante, sr. dr. José Domingues Medeiros Gutierrez.

Com pouca demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Gonçalves Rodrigues, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, em Lisboa.

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e filho João Ricardo, o nosso prezado confraternal e assinante, sr. Teófilo Rita Néné, residente em Lisboa.

Encontra-se em Aljustrel, de visita a sua família, a menina Anabela Matias Rosado, filha do nosso prezado assinante, sr. Renato Rosado.

Casamentos

Realizou-se em Lisboa, no passado dia 1 do corrente, o casamento da sr.ª D. Delmira Rosa Brito, com o sr. Agostinho José Cesário, filho da sr.ª D. Celeste Martins Viegas Cesário e do sr. José Luis Cesário.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Ludovina de Brito Tenório e o sr. Luís Gonzaga Tenório, e por parte do noivo, seus pais.

O novo casal a quem desejamos muitas felicidades, seguiu, em viagem de núpcias, para o Porto.

Na igreja matriz desta vila, concorriaram-se, no dia 8 do corrente, o sr. José Salas e a sr.ª D. Maria Teresa Gonçalino Erres.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Alice da Silva Oliveira Velasco e seu esposo, sr. José Domingues Vieira Velasco, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Inês Viegas A'vares e o sr. Aurélio do Carmo Bonança.

Doente

Acompanhado de sua sobrinha, sr.ª D. Orlanda Almeida Lança, seguiu para a capital o nosso prezado assinante, sr. José Caetano Felizardo, que ingressou num quarto particular do Hospital da C. U. F., para receber tratamento especializado.

Falecimento

Arménio Pires Vieira

Realizou-se em Olhão, na passada quinta-feira, o funeral do sr. Arménio Pires Vieira, de 70 anos de idade, comerciante e proprietário no Algarve, de visita a sua família, e que foi uma das vítimas do trágico descarrilamento do «semi-rápido» do Algarve.

O extinto, pessoa que gozava de muitas simpatias, era casado com a sr.ª D. Alda Azevedo Mascarenhas Vieira, irmão das sr.ªs D. Clotilde Pires Vieira Carmo, D. Luciana Pires Vieira Rodrigues e D. Maria Felicidade Pires Vieira, e tio da sr.ª D. Mercedes Vieira Ferro e dos nossos prezados amigos e assinantes, srs. José Graciliano Vieira Carmo, proprietário, residente nesta vila, eng. Orlando Vieira Rodrigues e dr. José Luciano Vieira Rodrigues, residentes em Lisboa.

A família enlutada, apresenta-nos sentidas condolências.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

NOVO MELHORAMENTO NA NOSSA VILA

VAL a nossa terra, finalmente, ver satisfeita uma aspiração bem legítima e já antiga, o que constituirá motivo de regozijo, sobretudo nas classes populares e médias, mais directamente beneficiadas.

Trata-se da estrada de ligação para a Praia de Santo António, que facultará mais fácil e cómodo acesso a todos os centenares de «pombalinos» que ali costumam deslocar-se, na qualidade de banhistas ou de meros passeantes, durante a quadra estival, na mira de gozarem um pouco de repouso, nos fins de semana, retemperando energias perto do oceano.

Noutro local do presente número, inserimos um anúncio da Câmara Municipal deste concelho, pelo qual se põe a concurso a empreitada para a construção daquela útil via de comunicação, cuja falta se tornava bastante sensível. Vemos, portanto, em vias de materializar-se, mais um efectivo benefício para a nossa terra, o que registamos com prazer.

Não será demais salientarmos a acção da digna edilidade local em prol do progresso do concelho, felicitando-a, apoiando-a e incitando-a nos seus projectos, e especialmente ao seu ilustre presidente, sr. Dr. Alonso Vasques, sempre devotado e incansável, na preocupação de produzir realizações de interesse geral, relevantes e perduráveis.

INTERESSES DO ALGARVE

O Boletim da nossa Casa Regional em Lisboa

É COMO segue o sumário do Boletim n.º 4 (3.ª Série) da nossa Casa Regional, em Lisboa, a distribuir ainda no corrente mês:

— *Infância D. Henrique (1394-1460)* — artigo do sábio almirante Gago Coutinho, seguido de um excerto do regulamento do concurso de projectos para o monumento a erigir em Sagres, em 1960;

— *A bem do Algarve* — discurso proferido pelo escritor e jornalista Julião Quintinha, no almoço de confraternização comemorativo do 24.º aniversário da fundação e 8.º do ressurgimento da Casa do Algarve;

— *Algarve* — poesia do poeta angolano Tomás Vieira da Cruz;

— *João de Deus, continuador do lirismo de Camões* — relato e documentário gráfico de uma conferência realizada pelo professor e publicista dr. Magnus Bergström;

— *Algarve, estância provincial de repouso, desportos náuticos e turismo* — pelo engenheiro-geógrafo dr. José António Madeira;

— *Escolas e Ensino Técnico no Algarve — Uma velha aspiração de Loulé* — carta do presidente do respectivo Município, sr. José da Costa Guerreiro;

— *Algarve Filatélico* — por C. L. A. C.;

— *Actividades da Casa do Algarve* e balancete do «Caixa», «situação financeira», assistência dispensada aos algarvios necessitados, instituição de uma Sala de Produtos Algarvios, donativos recebidos para melhoramentos na sede, informações diversas de interesse regional, movimento associativo desde Janeiro último e registo de livros e publicações entradas na Biblioteca desde a mesma data.

Numerosas gravuras de actualidades ilustram o texto deste interessante número.

O Boletim da Casa do Algarve em Lisboa é distribuído, gratuitamente, a todos os associados da colectividade e às instituições de turismo, Casas Regionais e organismos corporativos, Embaixadas, Consulados e hotéis.

Casa do Algarve de Manica e Sofala — Beira

Foi criada, recentemente, em Moçambique, mais esta Casa Regional Algarvia, cuja Direcção acaba de comunicar à Casa do Algarve, em Lisboa, que muito se honrando em constituir-se delegação local da mesma, oportunamente lhe enviará uma relação completa de todos os seus associados, a fim de serem cumulativamente sócios da Casa-Mãe, e uma pequena quotização, mensal ou anual, relativa aos ditos sócios.

O nosso organismo regional em Lisboa, que tem dedicadamente facilitado todos os necessários elementos orientadores do actual desenvolvimento regionalista algarvio no Ultramar, recebeu também, em 8 do corrente, o seguinte radiograma da nova agremiação algarvia em Moçambique: — «Casa Algarve Lisboa. — Sócios Casa Algarve Manica Sofala reunidos almoço de confraternização para



PROVINCIA

VILA NOVA DE CAÇELA

Festas em honra de Nossa Senhora da Assunção

Tiveram início, no passado dia 16, e continuam hoje, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Assunção, com o seguinte programa:

Às 6 horas — Alvorada, com repiques festivos de sinos, foguetes e música transmitida por potentes alto-falantes.

Às 9 horas — Missa rezada, acompanhada a cánticos e comunhão de fiéis, com pregação.

Às 12 horas — Missa solene, com sermão ao Evangelho, cantando as partes fixas da Missa o grupo coral da freguesia.

Às 16 horas — Impressionante corrida de bicicletas, seguindo-se coacanha no rio e corrida de canoas, com valiosos prémios.

Às 18 horas — Imponente procissão em que, além de outras imagens veneradas na nossa igreja, será conduzida a veneranda imagem de Nossa Senhora da Assunção, nossa excelsa padroeira. Ao recolher, haverá sermão, queimando-se uma vistosa cascata. Uma afamada banda de música acompanhará a procissão em todo o seu percurso.

Às 21 horas — Início do festival nocturno, com quermesse e selecto concerto, por uma Banda de Música de grande nomeada.

Falecimento

Faleceu súbitamente, no passado dia 10, o sr. António Rodrigues da Conceição Trindade, de 63 anos, há muitos anos agente das máquinas de costura «Singer» e proprietário.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Adelaide Guerreiro Lopes Trindade e era pai do sr. António Virgílio Guerreiro Trindade, motorista da Empresa Rodoviária, casado com a sr.ª D. Teresa Cabanas Trindade, e da sr.ª D. Rita Augusta Trindade Madeira Gomes, casada com o sr. Carlos Madeira Gomes, funcionário da Caixa Regional de Abono de Família.

Era, ainda, irmão dos srs. João Rodrigues da Conceição, comerciante nesta praça, Manuel R. da Conceição Trindade e José

R. da Conceição Trindade, respectivamente, comerciantes em Algôs e Silves.

O funeral realizou-se no dia seguinte, tendo sido muito concorrido.

À família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve», sentidas condolências. — C.

CONCEIÇÃO DE TAVIRA

Festas em honra de Nossa Senhora da Conceição

Realizam-se, nos próximos dias 25 e 26 corrente, imponentes festas em honra da padroeira desta localidade, com o seguinte programa:

Sábado, 25 — Às 7 horas, alvorada, anunciando o início das festas.

Às 9 horas, missa rezada em honra de Nossa Senhora da Conceição.

Às 10 horas, serviço de confissões.

Às 21 horas, recitação solene do Terço do Rosário.

A seguir, organizar-se-á uma grandiosa procissão de velas, que percorrerá as ruas da Conceição e Cabanas. Em frente desta última povoação, organizar-se-á um cortejo fluvial, no qual se incorporarão todos os barcos das empresas de pesca das povoações circunvizinhas, os quais estarão vistosamente iluminados e embandeirados.

Domingo, 26 — Às 7 horas, alvorada, com foguetes, morteiros e repiques festivos de sinos.

Às 9 horas, missa de comunhão geral.

Às 12 horas, missa solene. As partes fixas da missa serão cantadas pelo grupo coral da freguesia. Ao Evangelho, pregará um dos melhores oradores sagrados da nossa diocese.

Às 16 horas, abertura da quermesse.

Às 17 horas, saída da procissão que percorrerá o itinerário habitual. No percurso, será acompanhada por uma excelente banda de música da nossa província.

Ao recolher, haverá sermão pelo mesmo orador da manhã. — C.

A PROPÓSITO DA REORGANIZAÇÃO DA FILARMÓNICA LOCAL

RECEBEMOS a seguinte carta, que gostosamente publicamos, fazendo votos por que os pontos de vista nela expostos sejam considerados por quem de direito:

...Sr. Director:

No último número do «Notícias do Algarve», a propósito da festa à nossa padroeira, lamentava-se, e com muita razão, que tendo havido na nossa terra, noutros tempos, duas filarmónicas, não haja agora nenhuma e que tenha que se recorrer às bandas de outras localidades para abrihantar quaisquer actos festivos que se realizem na nossa terra.

No mesmo número do jornal, vinha uma entrevista com os directores do Glória Futebol Clube, popular colectividade recreativa, que nestes últimos tempos tem dado apreciável desenvolvimento à arte dramática e a quem a cultura está a merecer um acolhimento digno da mais franca simpatia, como o prova a biblioteca que aquela associação se propõe organizar.

Os dois factos apontados (falta da filarmónica e dinamismo do Glória) levam-nos a sugerir a esta colectividade que complete ou amplie a sua acção educativa e recreativa, incumbindo-se de reorganizar a desaparecida filarmónica. Cremos que é a única colectividade local em condições de prestar esse grande serviço à nossa terra e cremos que o presidente do nosso Município, pessoa culta e a quem as manifestações de arte, quaisquer que elas sejam, não são indiferentes, não regateará os auxílios indispensáveis para

solenizar aprovação estatutos e instalação sede saudam V. Ex.ª e desejam vossa Casa maiores prosperidades — João Vieira.»

Todas as Casas Regionais já criadas e a criar no Ultramar vão ser convidadas a nomear representantes no Conselho Superior Regional da Casa do Algarve em Lisboa, para efeitos da conveniente unidade de acção regionalista.

que seja um facto a reorganização da banda. É um elemento de cultura, de recreio e de vitalidade, cuja falta muito se faz sentir, e tanto mais flagrante e inexplicável é essa falta quanto é certo que pequenas localidades que cabem num canto da nossa terra possuem a sua filarmónica, para recreio dominical dos seus habitantes e para animarem as suas festas.

Tem Vila Real de Santo António tradições musicais, teve bons músicos e certamente muitos ainda se lembram dos concertos que se realizavam no extinto jardim, e que eram ouvidos por grande multidão, havendo também muitos que se lembram ainda da «Velha» e da «Nova» e do entusiasmo, às vezes ruidosamente excessivo, que os partidários de uma e de outra punham na defesa da sua música. Pois bem, lembrando-nos disso tudo, das boas peças musicais que ouviamos, da fama que tiveram as nossas bandas, que anualmente eram convidadas a ir a Espanha e lembrando-nos também de que é vergonhoso não termos um agrupamento musical, ainda que modesto, sugerimos — voltamos a dizer — que o Glória se incumba da reorganização da filarmónica. E já agora, e para que não se tenha a impressão de que futuros filarmónicos serão também futebolistas, lembramos a vantagem do Glória suprimir a designação de Futebol Clube e passar a designar-se, pouco mais ou menos, de Clube Recreativo e Cultural Glória, que mais se ajusta à util e simpática missão educativa e recreativa que, com simpatia geral, está a desenvolver.

Fazendo votos por que estas sugestões encontrem da parte de todos a simpatia e a compreensão que julgamos elas devam merecer, subscrevo-me De V.ª (A) A. L. B.

Annuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

PRECONCEITOS

OS preconceitos humanos são desta força — levam-nos a fazer alarde do convívio com um médico mercenário, com um advogado-intruso, com um engenheiro desclassificado por incompetente, e levam-nos, outrossim, a rejeitar a intimidade com um sapateiro honesto que, sobre não ser careiro, trabalha primorosamente no seu ofício. «Pois não houve já uma fidalga doutros tempos que, tendo-lhe alguém perguntado: Receberia você na sua casa a Virgem Maria, se ela agora aqui aparecesse?, respondeu: Conforme, pois não era ela mulher dum carpinteiro!»

SUBIR...

SE até a um padre não se lhe daria por a mitra ou subir à tiara, que não acontecerá com qualquer mortal, dos que não fizeram voto de modéstia, e para quem o seu reino é realmente o deste mundo!

Subir está no sangue do homem. Todos se sentem asfixiar no lugar que Deus lhes deu, todos querem trepar, trepar muito, lá até aonde possam ter a impressão de que gens sunt et cavalgare sabbent, como se diz no Palito Métrico.

Os incontentadiços são em maior número do que permite a força humana. O poleiro é uma sedução. A grimpada dá volta ao miolo. Todos querem a vara na mão (mesmo o vilão) para pastorearem qualquer rebanho.

GRAVIDEZ

N.º O Primo Basílio, referindo-se a uma carvoeira, diz: «Eça de Queiroz, a certa altura, que ela estava à porta da loja com a sua «gravidez bestial». «Bestial porque? «Para que dar aquela gravidez um sentido pejorativo? A gravidez dum fidalga, da mulher dum ministro, ou de qualquer sujeito, é porventura vaporosa, mistica, espiritual? Toda a gravidez é bestial. Em todos nós, por mais que procuremos doar a pilula, a besta ocupa larga percentagem.

Não. Aquela gravidez era simplesmente humana. Ainda não se inventou processo de evitar que os meninos se envergonhem e encolham, de pudor, no ventre materno.

Para fazermos justiça ao autor d'«O Primo Basílio», digamos simplesmente que ele precisou de escoltar aquele substantivo com um adjectivo da escola realista.

Fiquemos nisto; toda a gravidez é igual — seja ela dum lenço de cambraia ou dum esfregão de cozinha.

INTOLERÂNCIA

HÁ quem tenha estômago para reduzir a torresmos o seu próximo, se acaso este se atreva a divergir um milímetro do padrão religioso que o intolerante lhe quer impor.

Não há pior casta de gente do que a dos homens que, à viva força, nos impõem que sejamos felizes à sua imagem e semelhança.

Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António

ANÚNCIO

Concurso público para execução das obras de «Construção do caminho de acesso à Ponta de Santo António», em Vila Real de Sto. António

Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 19 de Outubro do corrente ano, proceder-se-á, perante a Câmara Municipal deste Concelho, no edificio da sua sede, ao concurso público indicado em epigrafe.

Base de licitação . . . 244.679\$00
Depósito provisório . . . 6.117\$00

O processo do concurso encontra-se patente, durante as horas de expediente, na Secretaria Municipal, devendo o depósito ser efectuado mediante guia passada pela mesma Secretaria, em qualquer dia útil, até à véspera do concurso, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

Vila Real de Santo António, 11 de Setembro de 1954

O Presidente da Câmara,
Dr. Alonso Vasques

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António

De 10 a 16 de Setembro:

TRAINEIRAS

Carmela	91.690\$00
Sam Domingos	52.790\$00
Maria Rosa	42.060\$00
Brisa	28.325\$00
Flor do Sul	24.190\$00
Tufão	18.060\$00
Raulito	15.615\$00
Infante	12.860\$00
Báttinha	11.590\$00
Levante	10.980\$00
Leste	10.585\$00
Flor do Guadiana	8.275\$00
Liberta	8.030\$00
Pérola do Guadiana	7.112\$00
Deolinda Rita	5.485\$00
Norte	2.690\$00
Janita	1.970\$00
Agadão	1.550\$00
Pinguim	740\$00
Total	354.597\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 10 a 16 de Setembro:

Entrados:

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tãnger, com carga em trânsito.
ALABE, Panamiano, de 1.577 ton., de Cádiz, vazio.
NEREUS, Português, de 334 ton., de Cete, vazio.
JURA, Suíço, de 886 ton., de Newport, com carvão.
GOLFINHO, Português, com o batelão «Paredo», de 261 ton., de Távira, vazio.
MARIAECK, Alemão, de 845 ton., de Portimão, com folha de flandres.

Saídos:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., para Lisboa, com minério.
MURTEN, Suíço, para Génova, com conservas.
ALABE, Panamiano, para Rotterdam, com minério.
NEREUS, Português, para Bordéus, com minério.
GOLFINHO, Português, com o batelão «Paredo», para o Porto, com enxofre.
MARIAECK, Alemão, para Aiamonte, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Setembro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito-Telefone 31.

Balanco trágico

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

maior princípio em Tunes. Tudo coisas de somenos — tão somenos, que a Companhia, fiel ao lema «o público ao serviço da C. P.», se dispôs, este ano, da habitual dose de «rápidos» (rápidos?) diários.

Enfim, aguardemos os resultados do inquérito iniciado, fazendo votos para que ele possa lançar um pouco de luz sobre este brutal desastre, que é uma das mais dolorosas páginas de luto da vida portuguesa. D. P.

ELEMENTOS PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

moura — E. U. A., 289.350 quilos, no valor de 4.948 contos e 37.969 quilos de similares em salmoura, no valor de 631 contos.

Cavala em Salmoura — Grécia, 211.016 quilos, no valor de 1.602 contos. **Cavala em azeite** — Bélgica-Luxemburgo, 758.957 quilos, no valor de 13.767 contos; Suíça, 137.156 quilos, no valor de 2.509 contos.

Sardinha em Salmoura — Itália, 1.318.705 quilos, no valor de 7.183 contos; Grécia, 376.185 quilos, no valor de 2.081 contos e Chipre, 128.598 quilos, no valor de 704 contos. **Sardinha preparada sem pele ou sem pele e sem espinha** — E. U. A., 2.680.389 quilos, no valor de 38.591 contos; Alemanha, 500.464 quilos, no valor de 7.157 contos e Suíça, 351.101 quilos, no valor de 5.356 contos.

Sardinha com pele e espinha em azeite — Alemanha, 4.750.867 quilos, no valor de 68.308 contos; Itália, 2.718.163 quilos, no valor de 39.256 contos; Bélgica-Luxemburgo, 2.037.868 quilos, no valor de 29.250 contos; Inglaterra, 1.245.688 quilos, no valor de 17.473 contos; França, 891.849 quilos, no valor de 12.937 contos; Suíça, 728.056 quilos, no valor de 10.457 contos; E. U. A., 589.433 quilos, no valor de 8.471 contos.

Sardinha com pele e espinha noutros molhos — Alemanha, 3.405.808 quilos, no valor de 49.024 contos; África Ocidental Britânica, 1.901.112 quilos, no valor de 27.441 contos; França, 1.709.991 quilos, no valor de 24.749 contos e Colômbia, 547.947 quilos, no valor de 7.873 contos.

Carapeu — Congo Belga, 155.051 quilos, no valor de 1.799 contos.

Anchovas — E. U. A., 2.214.669 quilos, no valor de 58.948 contos; Suíça, 93.870 quilos, no valor de 2.527 contos; Canadá, 89.008 quilos, no valor de 2.358 contos.

Carapeu — Congo Belga, 155.051 quilos, no valor de 1.799 contos.

Anchovas — E. U. A., 2.214.669 quilos, no valor de 58.948 contos; Suíça, 93.870 quilos, no valor de 2.527 contos; Canadá, 89.008 quilos, no valor de 2.358 contos.

Marcha "Infante de Sagres"

APÓS a visita a várias localidades do nosso Algarve e em especial ao Promontório Sacro, chegou ontem, à nossa vila, a embaixada dos filiados da Mocidade Portuguesa da Ala de Almada, que, desde 13 do corrente, permanecem na nossa província, de onde destacaremos a «Velada» em S. Vicente.

Nesta vila, foram recebidos na Casa da Mocidade, onde lhes foi servido um lanche e onde, em troca de saudações, foi afirmado mais uma vez, o lema que deve unir toda a Juventude Portuguesa.

Depois de uma visita pela nossa vila, seguiram a acampar, para a Praia de Monte Gordo, onde permanecerão até ao dia 20.

Admissão aos Liceus e Curso Liceal

(1.º e 2.º ano) 1.º ciclo
Dão-se explicações
PREÇOS MÓDICOS

TRATA:
Rua Cândido dos Reis, 113

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES
Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

Antepasto — E. U. A., 12.712 quilos, no valor de 293 contos; Venezuela, 10.183 quilos, no valor de 208 contos.

Crustáceos e moluscos em azeite e molhos — Cuba, 181.395 quilos, no valor de 4.045 contos; E. U. A., 69.012 quilos, no valor de 1.505 contos; México, 41.679 quilos, no valor de 903 contos.

Peixe conservado pelo frio — E. U. A., 260.230 quilos, no valor de 4.273 contos; Moçambique, 147.575 quilos, no valor de 2.000 contos.

São estes, repetimos, os países principais compradores das nossas conservas. Outros há que fazem também importantes aquisições, mas muito inferiores aos números que transcrevemos.

O total das conservas de peixe exportadas o ano passado foi de 40.480 toneladas, no valor de 617.954 contos.

Preço do bonito — No Funchal, oatum está a vender-se entre 6\$00 e 7\$00 o quilo, e a bicuda, a 6\$00.

A pesca do bonito ou listado — Da revista «Diana» e com o devênia da vênica, transcrevemos o seguinte, com vista aos nossos pescadores: «Embora (o bonito ou listado) efectue às vezes incursões até próximo da costa, é ao largo o seu raio de acção. Os cardumes localizam-se com a ajuda das aves marinhas, que os seguem sem descanso, na mira de petiscarem a comedoria, que eles acossam para a superfície. Regra geral, onde há muitos bonitos, há espadins a caçá-los. Na realidade, nada um espadim prefere à sangrenta carne de um bonito gorducho. Quem for, pois, aos bonitos e, assim como quem não quer a coisa, deve levar consigo também uma aparelhagem de peixe grosso. — talvez consiga apanhar um peixe ainda mais bonito...»

Pesca em Matosinhos — O mês passado, as cem traineiras que andaram na faina da pesca, neste porto, capturaram 831.844 cabazes de sardinha, carapau e outras espécies, que alcançaram na lota o valor de 11.708.017\$00. A traineira que melhor resultado obteve foi a «Maria da Glória», que vendeu 7.064 cabazes, no valor de 150.235\$00.

A nos-sa lota — O rendimento da lota de Vila Real de Santo António, no mês findo, atingiu 4.596.815\$90. No ano passado, o rendimento não foi além de 1.654.687\$30 e em 1952, de 2.784.589\$30, segundo os números fornecidos pelo «Boletim Informador da Lota e Porto de Vila Real de Santo António.»

As pescas do bonito em Vigo e da Albarcora, em Sesimbra — No mês findo, a pesca do bonito, em Vigo, totalizou 793.680 quilos, no valor de 7.581.062 pesetas. No mesmo mês, o valor total da pesca, naquele porto espanhol, foi de 28.640.645 pesetas.

Em Sesimbra, apareceram, no dia 7 deste mês, as primeiras albacoras. Um barco do alto capturou cerca de 500 destes peixes, os quais não tornaram a aparecer. — J. B.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia



DESPORTO FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Olhanense, 3 — Portimonense, 1

Arbitrou a partida o sr. Inocêncio Calabote da Associação de Évora.

O encontro representava uma verdadeira incógnita, visto que de ambas as equipas não havia referências positivas. Estamos, pois, na 2.ª jornada do Nacional, e a verdade é que, em dois jogos, não se podem apreciar as possibilidades das equipas.

De um modo geral, o Olhanense dominou. Chegou a obrigar o Portimonense a jogar no seu meio campo à sua guarda, e teve mais tempo a bola em seu poder, mas não soube aproveitar-se desse domínio e da sua maior capacidade de aproximação da zona de remate, para poder fazer um resultado mais volumoso.

A partida não atingiu grande craveira. Realmente, o intenso e abrasador calor que caiu no campo também contribuiu para isso, vendendo-se, nos últimos quinze minutos, os jogadores de ambas as equipas completamente esgotados.

Del Duca conseguiu obter o primeiro gol, e assim terminou a

primeira parte. No segundo tempo, Vinício e novamente Del Duca fizeram o marcador em 3-0, marcando o Portimonense o ponto de honra, por intermédio de Tavares, que enfiou a bola nas próprias balizas.

O Portimonense desiludiu-nos no sector da defesa. Os médios Coelho e Reis jogaram regularmente, vendendo-se, no entanto, mais conhecimento e até mais jogo da parte do espanhol Reis. Os avançados jogaram pouco.

No Olhanense, vão os aplausos para Graça e João Manuel. Os médios jogaram pouco, especialmente o argentino Osvaldo. Nos avançados, Vinício foi o melhor.

O sr. Inácio Calabote fez boa arbitragem.

Parabens ao Farense

O Farense trouxe, da sua visita a Montemor-o-Novo, um empate que já não é nada mau para a sua classificação. Foi realmente um brilhante resultado alcançado pelos algarvios de Faro. Parabens, pois, aos farenenses.

Herculano Valente

Glória Futebol Clube

Em Assembleia Extraordinária, realizada em 13 do corrente mês, foi eleita, por aclamação, para dirigir os destinos do Clube, uma Comissão Administrativa, constituída pelos seguintes elementos: António Amâncio S. Machado, Manuel F. Ribeiro Alves, Virgílio Antunes Lança, Jorge Pereira Nogueira e João Fernandes Vaz Velho.

Está triste?

A vida corre-lhe mal?

LEXA

«CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

LICORES, XAROPES e VINAGRES

TÉCNICOS, precisam-se, para trabalhar no Alentejo.

Indicar condições e casas onde têm trabalhado.

Resposta à nossa Redacção.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON e GALVESTON

O vapor rápido

«EEMDYK»

carrega em LISBOA em 27 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DUIVENDYK» — 21 de Setembro

«DIEMERDYK» — 2 de Outubro

SECCÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

NOTICIÁRIO

● A Associação dos Técnicos Cinematográficos ingleses requerer aos poderes públicos o condicionamento da permissão de trabalho, na Grã-Bretanha, aos técnicos americanos. A mesma Associação reclama a participação de técnicos ingleses nos filmes americanos realizados na Inglaterra.

● Tem aumentado extraordinariamente o número de cineastas alemães equipados para projecção de filmes em 16 mm.

● O Ministério da Educação e Cultura do Brasil criou recentemente uma Comissão Técnica do Cinema, cuja finalidade consiste em propor superiormente as medidas necessárias para o desenvolvimento da indústria cinematográfica do Brasil, enquanto não estiver organizado o Instituto Nacional do Cinema, a quem compete a orientação de todos os assuntos relativos ao cinema, tanto no aspecto administrativo e fiscal, como no artístico e técnico.

● Em São Paulo, está-se procedendo à instalação de um Museu de Cinema, cujos trabalhos decorrem sob a orientação do crítico e historiador Paulo Emílio.

● Entrou em vigor o Acordo Internacional, estabelecido sob os auspícios da UNESCO, para a supressão de todas as restrições comerciais e fiscais que dificultavam a livre circulação de filmes de carácter educativo, isentando-os dos direitos de importação e de quaisquer restrições quantitativas.

Numerosos países assinaram o Acordo, que pode ser subscrito por todas as nações, independentemente de pertencerem à ONU.

● Na vila de Rust, na Áustria, foi, há pouco, inaugurado um moderno cinema, com lotação de cerca de 400 lugares, cuja construção foi financiada exclusivamente por uma cooperativa dos cidadãos locais.

BREVE COMENTÁRIO

As seis notícias acima publicadas, extraídas do Boletim n.º 7 da União dos Grêmios dos Espectáculos, emanam todas do estrangeiro e exprimem iniciativas inteiramente desconhecidas entre nós. Poderíamos examiná-las em detalhe e comparar o seu significado de acção cultural, com o marasmio a que chegou hoje a actividade cinematográfica no nosso país, mas não é necessário. O cinema entre nós, se não fosse a existência dos cine-clubes, de duas revistas de bom nível e de meia dúzia de críticos de valor, passaria completamente desconhecido como arte.

Os filmes que nos chegam de fora são, na sua maioria — banais. O pior está em que «água mole em pedra dura tanto bate até que fura» e, após anos, o nosso público não conheceu nunca um cinema seleccionado, que lhe elevasse o espírito e a inteligência, sem o conduzir às excitações mórbidas e sádicas, que apenas alimentam neurastenias e nevroses.

No fim de contas, todos nos julgamos inteligentes e ditamos sentenças sobre os filmes, como se chegassemos a compreendê-los. Chaplin disse: «Nós pensamos muito e não senti-

mos muito. E' de espírito humanitário, mais que de mecanização, que nós necessitamos. Mais que de inteligência, precisamos de amabilidade e de gentileza. Sem estas qualidades, a vida não pode ser senão violência e tudo será perdido.»

Não se julgue, não se persista no erro de julgar que espírito humanitário é sinónimo de caridade — dessa caridade das esmolas, por amor de Deus. Não! O que confere ao Homem o espírito humanitário que o distingue de todos os animais, é a sua capacidade de sentir, compreender, amar, rir ou sofrer, mas, acima de tudo, de compartilhar a sua vida com a vida dos outros homens, de lutar para que ela seja melhor, mais justa e mais humana.

O cinema que conhecemos em Portugal quase que ignora o que é o espírito humanitário de que nos fala Chaplin.

E' necessário que se promovam, no nosso país, as múltiplas iniciativas que no estrangeiro se levantam e podem ser para nós úteis exemplos a seguir. E' necessário mais cine-clubes, mais esforço e dedicação para os pôr de pé, sob pena de vermos desaparecer o Cinema como Arte.

CINE-POZ

Apresenta, hoje, a obra prima *Confesso!* com Montgomery Clift, Anne Baxter e Brian Aherne.

Um sacerdote vê-se envolvido num crime, porque o segredo de confissão o impede de revelar a identidade do criminoso. Um pecado confessado... Uma honra protegida... Uma chama de amor queimando corações. Uma comovedora história de amor. (Espectáculo para 18 anos.)

Quinta-feira, 23, um programa duplo. No reino dos Corsários, com Errol Flynn e Maureen O'Hara. O reduto dos famosos «Irmãos da Costa», temíveis corsários que correm os sete mares, é descoberto por um rapaz destemido, que jurara exterminá-lo. Abordagens espectaculares e duelos brutais! Quem vai à guerra, com David Wayne e Tom Ewell. O primeiro filme alegre sobre a última guerra mundial. Dois veteranos em luta constante com o inimigo e com a política militar e lutando entre si pela conquista das belas napolitanas. (Espectáculo para 13 anos.)

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de posca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232
LISBOA
TELEF. 25764

FOTO-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRAVURA
E
DESENHO

O PROBLEMA DAS PADARIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

relativa a fabrico, qualidade e preços possa ser eficiente e consentânea com a defesa de interesse público, é sobretudo evidente que se impõe que o pão só possa ser vendido nas padarias e suas sucursais de venda, muito embora haja de providenciar-se no sentido de que estas se instalem, obrigatoriamente, quando e onde o abastecimento das populações o exigir. Torna-se necessário que a execução da nova lei do condicionamento industrial tenha em vista evitar um maior e mais anti-económico parcelamento da indústria de panificação, promover o nível técnico de fabrico e a higiene da venda e garantir a iniciativa privada, dentro dos justos limites exigidos pelo progresso, equilíbrio económico e maior riqueza nacional.

E entre as suas propostas para resolver estas dificuldades, os 5 Grémios do País propõem que, «dentro do prazo de 12 meses após a promulgação da lei (que se espera), cada um dos Grémios terá de submeter à apreciação do Governo o plano de concentração das padarias e de encerramento das consideradas desnecessárias ao abastecimento público, com vista ao cumprimento das disposições do Decreto n.º 31.545, de 30 de Setembro de 1941.»

Quer dizer: se numa aldeia existirem 5 padarias, apenas uma ou duas delas, as mais bem apetrechadas, ficarão a trabalhar, ficando as outras como postos de venda de pão, para completo abastecimento local, repartindo entre si os acréscimos de lucros, que até aí não tinham, com anteriormente se disse.

Que fenómeno, porém, sucederá para que seja obrigatório tomar um certo número de medidas, que, de tão intuitivas, deveriam ser os próprios interessados a procurá-las, pois daí lhes adviriam imediatamente os lucros, em vez de prejuízos e dos aborrecimentos a que estão sujeitos, desde que o fabrico do pão não seja feito dentro das exigências legais, situações para que são naturalmente levados, para defesa duma remuneração que actualmente não têm?

Supomos não andar longe da verdade, indicando-se a seguir:

1.º — Desconfiança mútua entre os industriais de panificação, por demais vivendo em meios de pequena projecção social.

2.º — Tradições individualistas dos nossos meios rurais, onde a falta de educação e de instrução eleva o analfabetismo a mais de 60% em algumas aldeias, segundo o censo de 1950.

3.º — Falta de apoio de quem competiria facultar os meios para uma melhor economia dos municípios, propagando o conhecimento das sociedades por quotas e dos tribunais arbitrais, a que os sócios das empresas deviam obrigatoriamente recorrer, para facilitar a resolução de qualquer divergência, nos termos do art. 1.561 e seguintes do Código do Processo Civil.

Os Grémios dos Industriais de Panificação estão naturalmente indicados para fornecer os árbitros, nos litígios que se estabelecerem.

Corporativistas, como somos, vivendo na preocupação de bem-estar social,

com o equilíbrio económico das populações, aplaudimos o que se disse no mesmo Diário das Sessões, em que os Grémios dos Industriais de Panificação reclamavam a defesa desta indústria, nas bases atrás citadas. A deputada da Nação, Dr.ª Margarida Craiveiro Lopes dos Reis, defendendo, com outros deputados, a proposta de lei sobre a colonização das zonas beneficiadas pelas obras de fomento hidro-agrícolas, afirmava que «o Estado, fiel aos seus princípios e tradições, considerar-se-á bem pago ao prever, no lugar de diversas charrnecas, que pouco produzem até agora, a existência de casais agrícolas que assegurem vida independente a umas tantas famílias rurais...»

Considerar-se-á bem pago por arrancar à miséria, à ignorância, às instituições de assistência, às correntes emigratórias quantos venham a ser abrangidos, directa ou indirectamente, por esta medida...

Ora, dentro dos 6.000 proprietários de padarias existentes no País, quantos deles estão carecendo do justo lucro da exploração industrial, que dêem as suas famílias o mínimo de conforto e de bem-estar e que aos seus faculte a educação e a instrução, base do progresso social?

Fazemos votos, com que terminamos, para que este Pão que Deus nos deu, não continue saindo das padarias, o pão que o diabo amassou... A. P.

A DOCA DE PESCA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cos da nossa vila. Apassivar-nos-jamos, assim, perante a solução das questões por que temos propugnado antes, nestas mesmas colunas e algures, nomeadamente a que concerne à construção duma doca, neste porto marginal do famoso Guadiana, para uso exclusivo do pesqueiros. Seria esta uma atitude mais tranquila e acomodaticia, isenta de preocupações e melindres de vária ordem. Todavia, achamos não ser esta a posição mais digna, e reasumimos o imperativo dever de chamarmos a atenção de quem competir ouvir-nos, para as necessidades, aspirações e interesses que envolvam o tangencial o fulcro vital da nossa terra, infelizmente ainda e sempre sujeita a uma única fonte de exploração para poder subsistir: a pesca e as actividades suas correlativas e derivantes.

Valerá então a pena esgotar argumentos, apontar factos, entrevistar entidades e particulares idóneos, solicitar providências, esbanjar energias, enfim, para verificarmos, finalmente, que tudo se passa como se estivéssemos votados a um ostracismo punitivo de não sabemos que mácula original, ou vermos relegada a nossa vila a planos secundários, em relação a outras localidades dotadas de menores (ou nulas) condições de fazer frutificar os vastos capitais investidos?

Valerá, pois, a pena incorrer nas animadversões do Olimpo? Vale sempre a pena, mórmente quando esta posição revestir—como é o nosso caso—a satisfação de cumprir um dever para com o torrão nativo e, em projecção mais lata, resultar a bem da Nação. Igualmente honroso se nos torna o encargo de jornalistas, se devidamente for reconhecido que a missão da «pequena imprensa» regionalista é, primordialmente, a de apontar deficiências, necessidades, anseios locais, e sugerir melhorias possíveis, ajudando enfim a construir, mesmo quando se critica, desde que obviamente o faça com a veracidade, boa-fé e correcção devidas. Esta a razão das nossas campanhas a favor da escola técnica e da almejada doca de pesca, complemento necessário das instalações do nosso porto comercial.

É evidente que não pretendemos significar, pelo que antecede, que Vila Real tenha estado abandonada pelas instâncias superiores da governação. Reconhecer e agradecer o muito que já se tem feito não implica impedimento de pedir o que ainda falte, quando se reputar justa a petição. A quem de direito, a missão de avaliar as possibilidades de atender e da oportunidade de executar.

Cingindo-nos ainda ao tema central desta explanação, tivemos recentemente uma prova de que os poderes governativos não se têm desinteressado dos assuntos concernentes ao nosso porto. Demonstra-o a redução dos encargos tarifários que oneravam excessivamente este entreposto, e que constituiu uma revisão acertada e justa (diríamos: amende honrable) da rígida regulamentação promulgada, que se tornaria castrófica para a economia deste porto. Confiados estamos, portanto, em que, na medida do possível, Vila Real de Santo António mereça obter, da parte do sr. ministro das Obras Públicas, a satisfação de ver atendida uma tão justa aspiração, virtualmente decisiva para o seu progresso, com a brevidade que os altos interesses nacionais o permitirem, mas também com a urgência reclamada pelos inconvenientes e prejuízos que a sua falta ocasiona.

Documentos vívidos do geral sentimento a respeito das carências acima apontadas, são as declarações simples e despretenciosas que ouvimos, há pouco, a algumas pessoas desta vila. Vidas é diuturno labor dedicados à pesca, uns; outros, ganhando o sustento familiar mediante a compra e revenda do pescado. Vozes rudes, mas autorizadas, que dizem o que pensam e o que sentem, sem peias nem circunlóquios. São eles mestres de pesca, que lutam com mares e ventos, e às vezes com a má-sorte, juntamente com as suas companhias, para arrancarem ao pélagio o salutar alimento, que, após ser devidamente laborado e exportado ao estrangeiro, representa cambiais e caudal de riqueza para o País. Outros, que também ouvimos, são compradores e negociantes de peixe, entre os quais salientamos os srs. Inácio Fernandes Cardoso, João Mendes e José Mendes, sendo todos unânimes em

patentearem-nos o seu veemente desejo de que o porto de pesca seja uma realidade que não tarde. Do mesmo sentimento compartilham todos os marítimos, industriais e seus trabalhadores, navegantes da frota mercante, e em suma: a totalidade consciente da nossa terra.

Por nos ser inviável relatar aqui, em pormenor, as declarações de todos com quem conversámos, resumiremos, seguidamente, a substância do que nos disseram, pertinente à matéria em causa:

— Achar necessária a construção duma doca de pesca?

— Tão precisa é ela aqui, como o pão pr'a nossa boca... — responde-nos, em pitoresca imagem, o sr. Inácio Cardoso. Prossegui-mos então:

— Tem havido prejuízos ocasionados com as demoras na descarga do peixe?

— Perdem-se horas infinitas, por falta de capacidade no molhe, para as descargas, e já temos perdido jornadas de pesca, pelas demoras havidas em saçar os barcos — dizem, vários mestres.

E ajuntam, depois:

— Não é só pela vantagem nas descargas de peixe que a doca é indispensável para que «isto» seja um porto digno desse nome, mas também para abrigo de todas as embarcações, em dias de temporal.

— E quanto à desvantagem para o peixe? — inquirimos dos vendedores e compradores. Quem nos contesta agora, na sua especialidade, é o sr. João Mendes, cuja competência de prático é geralmente conhecida:

— Como a descarga se atrasa sempre, é claro que sofre demoras a conservação do peixe nas salmouras, deteriorando-se muito dele, ou ficando grande parte incapaz de seguir para enlatamento em azeite. Isto representa uma desvalorização, e os prejuízos... quem os sofre é que os sente! — E o nosso interlocutor continua:

— Quando o campo é pouco, a gente muita, e há interesse em despachar depressa, está a ver que há choques... Os ânimos aquecem, surge a luta (física) pelo espaço vital, e, por vezes, até há: «homens ao mar!»...

— Em dias de movimento, já vários barcos têm sofrido avarias, ao fazerem as manobras de atracação ou de largada do molhe, pela aglomeração em espaço tão exiguo e, quando a maré está em baixa-mar, então sucede que as canastras têm de ser arremessadas para cima do cais, em vez de passadas à mão. Como calcula, o local (e os homens) ficam encharcados da mouro que delas escorre, sem contar ainda com o estado do próprio peixe, com estes forçados baldões de acrobacia aérea...

— E sobre as condições do actual «cais da lota», que nos dizem?

— Desta vez, é o sr. José Mendes quem nos elucida:

— Há vários inconvenientes, que facilmente poderiam ser remedios. Por exemplo: o telefone, que numa lota de peixe é um indispensável elemento de trabalho. Pois não o há, e isto deve ser um caso único, em lotas... Mas há mais: Necessita-se ali dum abrigo, para resguardo do sol, chuvas, e ventos, pois sucede que muitos compradores se abstem de comparecer na lota, à noite, por receio das intempéries, em local tão desabrigado. Também não seria demais colocar-se uma vedação, na parte lateral do mesmo cais, para evitar as quedas de pessoas ao rio, como ainda há pouco se registou. E já que falo das coisas que ali faltam, direi mais, para concluir, que a instalação duma ponte-barca, na extremidade do cais, em volta da qual pudessem atracar as embarcações transportadoras de peixe para a lota, evitaria a todos o terem de andar a saltar de barco para barco, na venda do peixe.

— Não restam quaisquer dúvidas de que trata duma real e candente necessidade, esta que apontamos e em cuja satisfação estamos empenhados, todos os vilarealenses, e ficamos convictos de que o «in pace» terminará para as solicitadas obras de reapetrechamento portuário de Vila Real de Santo António, que logrará, finalmente, obter a sua tão ambicionada doca de pesca.

F.

Ténis na Praia da Rocha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de Ténis da Praia da Rocha, pela feliz iniciativa em promover o I Torneio Internacional daquela praia, o que constitui um valioso e importante atractivo a juntar a tantos outros de que já dispõe aquela encantadora estância balnear — um dos melhores cartões de turismo algarvio.

— um dos melhores cartões de turismo algarvio.

Marcos Algarve

Visado pela Comissão de Censura

A PRODUÇÃO ITALIANA

de Amêndoa

A PRODUÇÃO italiana de amêndoa atingiu, o ano passado, a cifra de 2.316 milhares de quintais, volume só ultrapassado há três anos, em que a produção alcançou 2.392 milhares de quintais. A exportação foi de 362,5 milhares de quintais, sem casca e 42,7, com casca. O principal país importador foi a Alemanha, com 122,7 e 2, respectivamente.

No relatório oficial de que extraímos estes números, diz-se: «A conservação de um bom nível médio das exportações dos frutos secos deve atribuir-se à magnífica qualidade dos produtos e às características particularmente recomendáveis de alguns deles para determinadas utilizações, como no caso da amêndoa e da castanha, que são geralmente preferidas a produtos de outras proveniências, para a indústria de doçaria.»

O dito relatório, depois de informar que a amêndoa ocupa o primeiro lugar nas exportações de frutos secos italianos, acrescenta: «A França, a Espanha e a Turquia são, por ordem decrescente, os países que fazem maior concorrência às nossas exportações. No que se refere à amêndoa, surgiu um terrível concorrente, os Estados Unidos da América, que obstaculizou de modo sensível as nossas vendas na Suíça.»

A exportação total da Itália, o ano passado, foi a seguinte: frutos secos sem casca: 800.373 quintais; outros produtos hortofrutícolas, 11.700.000 quintais.

Todos os frutos secos foram embarcados em cais secos, subtraídos o mais possível às influências húmidas e salinas do mar, a que ficam expostas tão delicadas mercadorias, quando carregadas ou descarregadas fora dos portos. — J. B.

SORTEIO

EM BENEFÍCIO DA MISERICÓRDIA

DESTA VILA

COMUNICA-NOS a prestimosa Direcção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia desta vila que já se encontram em circulação os bilhetes para um sorteio a realizar, brevemente, com a devida autorização ministerial, e cujo produto reverte em favor desta benemerente instituição de assistência local.

Cada bilhete, que custa 5 escudos, contém 5 números, dando direito aos seguintes prémios: 1.º — Uma bicicleta, marca Kreidler; 2.º — Um receptor de telefonia, marca Graetz; 3.º — Um serviço de jantar, da Fábrica Vista Alegre, para 12 pessoas.

Dada a finalidade altruista do presente sorteio, espera-se confiadamente que todos os vilarealenses corresponderão devidamente, adquirindo os bilhetes que puderem, excelente forma de prestar valioso auxílio ao nosso Hospital, habilitando-se, simultaneamente, aos interessantes prémios descritos acima.

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER

Telef. 244 ♦ OLHÃO

Agradeço qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

TRÊS GRAVURAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dia e definiu-a em dois tercetos:

*Um mistico sofrer, uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...*

*Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me, assim calada, assim
[chorosa...]
E deixa-me sonhar a vida inteira!*

É a triplíce voz do Sonho, da Poesia e da Tortura que o faz cantar e sofrer!

Tenho aqui, defronte de mim, três gravuras do sr. Manuel Cabanas, três gravuras que falam ao meu entendimento, com a graça e o perfume do presente — traços saudosistas dum passado moribundo, distante, longínquo como a estrela de alva a cintilar trêmula-mente...

A morte tudo ceifou, abateu, e dilui, em sombras misteriosas, aquelas nuvens negras que se acastelam no horizonte limitado da velhice!

Não conheço pessoalmente o sr. Manuel Cabanas, mas creio que este homem bebeu na sua infância o pensamento filosófico de Carlyle:

«O trabalho é uma cura para todas as calamidades e misérias que acometem a a humanidade.»

Eu também o bebi e a ele devo a cura dos males e infelicidades que encontrei na estrada pedregosa da vida. O trabalho sereno, metódico e útil, traz à nossa alma as vitaminas ideais da paz e da resistência.

Cultivei as artes plásticas ainda jovem e em casa de um homem que também as cultivou. Mais tarde, na mesma casa, cultivei a lite-

ratura e a política. Posso dizer que fui seu discípulo e amigo, visto ele contar mais quatro anos do que eu.

E, muito mais tarde, quando ele desertou do nosso campo político, fiz-lhe um ataque cerrado e cortámos as relações por vinte anos.

Depois, tudo isso passou; o tempo sazou a nossa divergência; os anos esfumaram as nossas crenças e paixões.

Anos depois, ouvi sua filha dizer, com evidente justiça: «Meu pai foi o menos que podia ser!»

Verdade insuspeita, verdade pungente saída dos lábios da filha querida.

Era um homem de excepcionais aptidões — este Carlos Fuzeta, nascido e falecido em Olhão, homem do mar e da terra, organismo afeito às lutas da matéria e do espírito, eloquente como Herculano e volúvel como Garrett.

Foi à vista do caque «Carlos Maria», que durante anos vi suspenso em uma moldura, na modesta casa de jantar da rua de S. Bartolomeu, que eu comecei a desenhar a cores, a trabalhar em artes plásticas. E esses desenhos revelaram a minha tendência atávica para a vida do mar.

As velas latinas dos caiques da minha terra atraíam a minha sensibilidade artística, o meu amor a tudo que envolvia movimento, novidade e mistério.

Na capa do volume sobre o lirismo de Bernardo de Passos, deparamos os leitores com uma gravura do sr. Manuel Cabanas.

E' um busto um tanto alto e frio. O Bernardo não era assim; falta-lhe o traço suave da bondade

que, inalteravelmente, acompanhou o semblante meigo do compassivo poeta do «Refúgio».

Há anos, também na capa dum livro consagrado ao notável poeta Augusto Gil, notei que o seu retrato, ali estampado, estava demasiadamente favorecido. Era uma produção da pintora Gardy de Arriaga. Sendo essa artista das minhas relações familiares, um dia despertei a sua curiosidade para este defeito. E ela, prontamente, se justificou: — «Copiei pela fotografia que me forneceram.»

Ter-se-ia dado o mesmo caso com o sr. Manuel Cabanas?

A gravura de Manuel Teixeira Gomes é mais harmoniosa e helénica, com o seu apuro de diplomata. Nota-se-lhe, contudo, um senão, que ressalta de frente: os beijos do Gungunhana que o artista lhe conferiu. O rosto gentil de Teixeira Gomes não admite uma imperfeição tão saliente.

Onde o sr. Manuel Cabanas nos mostrou os seus recursos de fino gravador, é no busto de Fialho de Almeida. Ali, sim. Ali contemplamos o autor de «Os Gatos» dentro da sua máscara de carne e osso, natural, humano, verdadeiro.

O artista da gravura em madeira dedicou à fisionomia de Fialho toda a perícia de psicólogo e todo o vigor de anatomista.

O meu reparo não significa uma crítica: e apenas uma advertência de admirador.

Marcos Algarve

Visado pela Comissão de Censura